

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE DESENHO INDUSTRIAL
ESPECIALIZAÇÃO EM ARTES HÍBRIDAS**

ILKA ALMEIDA PASSOS

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

**O CIRCO NO PARANÁ: MODALIDADES FORA DA LONA, TRAPÉZIO
E ACROBACIAS**

**CURITIBA
2016**

ILKA ALMEIDA PASSOS

**O CIRCO NO PARANÁ: MODALIDADES FORA DA LONA,
TRAPÉZIO E ACROBACIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Artes Híbridas do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial – DADIN – da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Profª Drª. Laíze Márcia Porto Alegre

**CURITIBA
2016**

TERMO DE APROVAÇÃO

ILKA ALMEIDA PASSOS

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Artes Híbridas pelo Curso de Especialização em Artes Híbridas do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. A banca examinadora considerou o trabalho aprovado.

Profª Dra. Laíze Márcia Porto Alegre - UTFPR – Orientador

Prof. Dr. Ismael Scheffer – UTFPR - Coordenador de Curso

Curitiba, maio de 2016.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof^o Dr^o ISMAEL SCHEFFER
Coordenador do Curso de Artes Híbridas
que me acolheu,

À Prof^a Dr^a LAÍZE MÁRCIA PORTO
ALEGRE, que aceitou o desafio de me
acompanhar e orientar na trajetória final

À KELLY MILANEZ, Secretária do
Curso que me apoiou e socorreu em
tantas solicitações.

RESUMO

PASSOS, Ilka Almeida. *O Circo no Paraná*. 15 f. 2016. Monografia (Especialização em Artes Híbridas) – Departamento Acadêmico de Desenho Industrial, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2016.

Resumo. Breve histórico do circo no mundo. Sua origem e os primeiros artistas: malabaristas, acrobatas, contorcionistas e domadores de animais. O circo no Brasil: a chegada de artistas europeus. Os principais circos e artistas no Brasil. O circo tradicional de lona que passa de pai para filho e o circo contemporâneo que é ensinado por artistas a interessados que nasceram fora do circo. As modalidades artísticas: acrobacia, trapézio, manipulação de objetos, tecidos, rodas, equilíbrio e contorcionismo. A figura do palhaço. Os artistas circenses na atualidade paranaense. Considerações finais sobre a pesquisa e seu resultado.

Palavras chave: História do circo. Artistas circenses. Malabarismo. Palhaço.

ABSTRACT

PASSOS, Ilka Almeida. *Circus in Paraná*. 15 f. 2016. Monografia (Especialização em Artes Híbridas) – Departamento Acadêmico de Desenho Industrial, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2016.

Abstract. Brief history of the circus in the world. Its origin and the first artists : jugglers, acrobats, contortionists and taming animals. The circus in Brazil : the arrival of European artists . The main circuses and artists in Brazil. The traditional circus that is a familiar profession, from father to son, and the contemporary circus that is taught by artists to others born out of the circus environment. The artistic forms: acrobatics, trapeze, juggling objects ,wardrobe, wheels , balancing and contortion . The persona of the clown. Circus artists in Parana today. Final considerations about the research and its results .

Keywords: Circus history. Circus Artists. Jugglery. Clown.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 DESENVOLVIMENTO	9
2.1 BREVE HISTORIA DO CIRCO NO MUNDO	9
2.2 NO BRASIL	10
2.3 NOMENCLATURA CIRCENSE	13
2.4 O PALHAÇO	15
2.5 ARTISTAS CIRCENSES NO PARANÁ	17
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21

1 INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa é a atividade circense no Estado do Paraná na atualidade, atividades mais populares fora da lona como trapézio e acrobacias.

Iniciou-se o trabalho com um breve histórico do circo subdividido em: história do circo no mundo, desde suas origens indicadas por registros arqueológicos, a expansão posterior dos grupos nômades de saltimbancos que apresentavam publicamente suas habilidades acrobáticas, manipulação de objetos, teatro e doma de animais; breve relato da história do circo no Brasil; nomenclatura circense com a definição das várias modalidades artísticas; após a figura do palhaço e encerrou-se o tópico com as referências às atividades circenses atuais em Curitiba e no Paraná.

O método de pesquisa empregado foi qualitativa, leitura e análise de livros, artigos jornalísticos e trabalhos acadêmicos sobre o circo e suas peculiaridades e entrevistas.

Para esclarecer a terminologia empregada na definição das diversas habilidades circenses foram entrevistados dois professores de arte no circo: Sabrina Silva de Almeida e Silvestre Fernando Philippi Neto, ambos com atuação em Curitiba. Esses artistas relataram também como é o cenário do circo em Curitiba e no Paraná que é o tema deste trabalho acadêmico.

As Considerações Finais relatam as dificuldades e as surpresas encontradas no decorrer da pesquisa que se encerra com a relação das fontes consultadas.

2 DESENVOLVIMENTO

O relato de nossa pesquisa se inicia com um resumo histórico da origem do circo, sua expansão pelo mundo e como se desenvolve atualmente no Paraná.

2.1 BREVE HISTÓRIA DO CIRCO NO MUNDO

A história do circo data de alguns milhares de anos conforme vestígios de práticas populares de entretenimento encontradas em sítios arqueológicos na Ásia e Europa.

Michele Borges relata em seu artigo sobre a história do circo que foram encontradas na China pinturas datadas de quase cinco mil anos e que mostram acrobatas, equilibristas e contorcionistas. Segundo ela, esses movimentos acrobáticos eram usados como treinamento pelos guerreiros chineses. Ela se refere também a gravuras de malabaristas em pirâmides do Egito. (BORGES, História do Circo.)

O termo se origina no latim “circus” e significa “o lugar em que as competições se desenrolam”, idioma falado em Roma onde a atividade circense se originou tal como a conhecemos, cerca de 200 anos antes de Cristo, com o intuito de divertir a população e evitar atos revolucionários. Isto é o que nos informa o artigo *A Origem do Circo* publicado em 2004, sem indicação de autoria.

A mesma fonte relata que o *circus* se compunha de arena ou pista, anfiteatro ou arquibancadas e cavalarias. Neles ocorriam espetáculos de corridas e lutas de gladiadores e animais que foram proibidos com a ascensão da Igreja cristã.

A partir do Século XVIII a atividade circense se consolidou. Tauana Marin nos fala da origem do circo “feito de lonas e que viaja por diversas cidades com palhaços, acrobatas e muita alegria” dizendo que foi em Londres em 1768 que um sargento de cavalaria, Phillip Astley, começou a se apresentar em praças sobre cavalo acompanhado de outros militares e saltimbanco.

Foi somente no Século XIX que o primeiro circo chegou ao continente americano, cidade de Nova Iorque, através do grupo que acompanhava o equilibrista britânico Thomas Taplin Cooke, conforme informação do sítio *História do Mundo* na Internet mantido pela UOL.

Segundo o Prof. Anderson Ued, em artigo publicado na página do colégio Cinecista José Ferreira, foi criada em 1974 na França a Primeira Escola Nacional de Circo Annie Fratellini cujo exemplo é seguido por várias escolas e academias no Brasil.

Uma breve história do circo no Brasil é o que abordaremos a seguir.

2.2 NO BRASIL

No Brasil, segundo Borges, o circo chegou com a vinda de famílias europeias que faziam espetáculos teatrais e grupos de ciganos que apresentavam animais como ursos domados, cavalos e ilusionismo.

É uma profissão passada de geração a geração no circo tradicional, os pais ensinam os filhos.

A Revista Apartes número 15, edição de junho e julho de 2015, mantida pela Câmara Municipal de São Paulo, publicou o artigo *Os maiores espetáculos da terra* assinado por Fausto Salvadori Filho e Gisele Machado. O assunto é o circo e relata um breve histórico do circo urbano. Ali se destaca a trajetória do grupo Pombas Urbanas que começou em 2004 com a ocupação de um galpão abandonado na cidade de Tiradentes, São Paulo.

Ali o ator Adriano Mauriz depõe que o fundador do grupo, Lino Rojas, percebeu a falta de opções de lazer da comunidade e passou a ministrar aulas de habilidades circenses no local usando perna de pau, monociclo e malabares para os jovens da periferia de Tiradentes.

Rojas faleceu em 2005 mas o projeto de circo teatral continuou.

Outro ator que participa dos espetáculos desse grupo, Marcelo Nobre Urquiza, diz que “eles nos chamavam de palombar” e esclarece que este termo é usado para designar os remendos que são feitos nas lonas de circo.

O grupo sobreviveu e foi ampliado até que em 2012 os alunos criaram o Grupo de Circo e Teatro Palombar que é teatro de rua, sem a lona do circo tradicional. Hoje o galpão tem 1.600m², salas de aula, biblioteca, teatro, cineclube e mantém aulas de habilidades circenses para as crianças do bairro onde se situa.

Conforme relata Borges, a primeira escola circense no Brasil surgiu em 1982: Escola Nacional de Circo. Ela cita como circos contemporâneos brasileiros a Nau de

Ícaros, o Circo Escola Picadeiro, o Teatro do Anônimo, o Circo Mínimo, o Linhas Aéreas, a Intrépida Trupe, os Acrobáticos Fratelli, os Parlapatões e os Patifes e Paspalhões.

Borges, 2009, afirma que a primeira escola de circo foi a Escola Piolin em 1978, em São Paulo. O trio de acadêmicos Dimitri Wuol Pereira, Nataiane Alencar e Deivid Silva, porém, no artigo *O universo do circo: uma experiência de vida para o meio acadêmico*, dizem que em 1977 se instalou a primeira escola de circo em São Paulo, no estádio do Pacaembu. Eles defendem o ensino das artes circenses nas práticas de Educação Física nos seguintes termos:

Propor as artes circenses na Educação Física é aumentar o leque de opções para o professor e resgatar a cultura artística na formação do profissional da área trazendo consigo o valor educativo, performático, criativo, social, cultural e corporal.

Na mesma linha de raciocínio a Lei municipal nº 16.162 de São Paulo criou o Programa Circo Popular com a previsão de aulas gratuitas de circo para jovens nas modalidades: aérea, solo, cama elástica, malabares, trampolim acrobático e história.

Com o circo, a gente descobre que é capaz de fazer várias coisas e isso gera uma transformação pessoal. Daí, a transformação social é consequência.
Marco A. Coelho Bortoleto

Bortoleto é coordenador do Grupo de Estudo e Pesquisa das Artes Circenses da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, pesquisador do circo em suas modalidades de lona e fora dela e autor de vários artigos sobre as atividades circenses.

Segundo Bel Toledo, citada no artigo *Os maiores espetáculos da Terra*, o circo hoje é a primeira oportunidade de trabalho e há poucos conflitos entre os **circos tradicionais**, com espetáculos debaixo da lona, e os **contemporâneos** de fora da lona. A artista é Presidente da Cooperativa Paulista de Circo. Em seus comentários, ela diz que o Cirque de Soleil tem influência na atividade circense e conforme pesquisa do Sesc e da Fundação Perseu Abramo em 2014, 72% (setenta e dois por cento) dos brasileiros tem o circo como parte de suas referências culturais. Segundo

ela e baseada nos resultados da referida pesquisa, o circo faz parte da vida dessa população.

O Cirque de Soleil originou-se do Club des Talons Hauts, em Québec, Canadá, que tinha apresentações de pernas de pau, malabaristas e pirofagistas . O primeiro espetáculo oficial do Cirque de Soleil foi em 1984 no Canadá e depois nos Estados Unidos .Ele foi a primeira empresa de espetáculos circenses e tem mais de setecentos artistas contratados. (Portaldarte, 2010).

Na opinião de Verônica Tamaoki, do Centro de Memória do Circo, o circo tradicional é o que encontra maior dificuldade para se manter. Ela diz que “por falta de apoio,o circo de lona corre risco de extinção.”

De acordo com a Revista Apartes, estima-se que existam no Brasil mil lonas atualmente onde são empregados vinte e cinco mil artistas aproximadamente.

Muitos desses artistas são especialistas em doma de animais. A Lei municipal 14.014 de São Paulo em junho de 2015, porém, proibiu a utilização de animais em espetáculos de entretenimento. Dois meses após, agosto de 2015, o Estado de São Paulo editou lei com a mesma proibição. Outros Estados brasileiros e algumas cidades editaram leis locais com a mesma limitação.

Vários circos que apresentavam animais adestrados fecharam as lonas como disse o malabarista Ramon Maranhão no mesmo texto. Outros problemas afetaram a existência do circo como diz Jorge Fumagalli que pertence à uma família circense que está em sua sétima geração: o Circo de Moscou. Ele reclama da especulação imobiliária pois há poucos terrenos disponíveis para a montagem do circo de lona e os donos cobram adiantado. Ele esclarece que no circo todos trabalham na montagem e desmontagem independente da habilidade pessoal que demonstre no espetáculo.

O texto termina noticiando o fechamento de vários circos, exemplo do Circo Orlando Orfei, especialista em apresentações de animais diversos como leões, tigres, macacos, cavalos e cães adestrados e menciona o artista Zoltan Guranyi que os autores chamaram de o maior domador do Brasil.

O Circo Orlando Orfei é tema do livro *O Circo Viverá* escrito por Alberto Orfei e publicado em 1996. Nessa obra o descendente da família circense conta as experiências de gerações de trapezistas e domadores de animais como leões, rinocerontes, hienas e cavalos. Ele explica também o que é o “mal do circo”, uma

espécie de paixão incurável que, no dizer do autor, é quando o artista entra no circo e não consegue mais sair. Ele resume sua vida como artista de circo nas palavras: Minha pátria é o mundo. (ORFEI, 1996.)

A Família Stevanovitch do Le Cirque fez grande fortuna com seu trabalho.

Bryan Stevanovitch, que desde os doze anos de idade faz o Globo da Morte, conta que seus bisavós europeus vieram para o nosso país em 1890 fugindo da perseguição aos andarilhos porque eles eram saltimbancos. Aqui criaram o Le Cirque cujas atividades renderam um grande patrimônio. Hoje eles vivem em Florianópolis, Santa Catarina, mas tem casas em vários países. Quando se deslocam para apresentações, que incluem o Globo da Morte, eles viajam em trailers sofisticados e com bons equipamentos. (Tribuna do Ceará, 15.02.2014)

Além das apresentações artísticas, o pessoal do circo costuma exercer outras atividades necessárias ao exercício profissional. Segundo Andrioli, todos os artistas de um grupo circense fazem o trabalho braçal de levantar e desmontar a lona, as redes, os instrumentos como o trapézio, o picadeiro, as arquibancadas. (ANDRIOLI, 2007).

Tantas modalidades carecem de definição o que será abordado a seguir.

2.3 NOMENCLATURA CIRCENSE

Além da figura do palhaço outros especialistas que trabalham no circo devem ter suas atividades definidas pois cada tipo de apresentação tem seu lugar específico na nomenclatura circense.

Para bem esclarecer o que significa cada uma dessas habilidades entrevistamos a professora Sabrina Silva de Almeida, formada em Educação Física, que é professora de artes circenses.

Em 2010 ela conheceu o circo contemporâneo que funciona como terceirizado no Cirkobase. A partir daí ela passou a orientar pessoas interessadas em práticas físicas que unissem o desenvolvimento físico-muscular com lazer.

A professora esclareceu que há dois tipos de circo: o **tradicional**, conhecido como circo de lona, onde as habilidades são transmitidas dentro das famílias, de pai para filho e o circo **contemporâneo**, independente de lona, que se apresenta em teatros, praças e outros lugares públicos ou particulares e cujos artistas são pessoas

advindas de várias profissões e lugares e aprendem com artistas experientes as diversas modalidades circenses. Este novo circo, segundo ela, primazia o desenvolvimento saudável de aptidões físicas e tem sido aplicado em escolas para motivar estudantes à prática de atividade física.

A entrevistada disse que só conhece uma escola profissionalizante de circo, a Escola Nacional de Circo que fica no Rio de Janeiro, mas relatou que há vários cursos pelo país que promovem e preparam alunos para tais atividades. O relatório da Unicamp de 2011 Panorama do Malabarismo no Brasil relaciona vários cursos de circo em diversas localidades do país.

No Cirkobase Sabrina faz parte de um grupo de seis professores: três de Educação Física, um formado em Musicoterapia, um em Dança e um professor oriundo de família circense, o circo tradicional.

Sobre habilidades de circo ela esclareceu que elas podem ser divididas em grupos e dentro desses outras subdivisões e que à medida que o trabalho em circo se desenvolve em novas atividades, outros nomes e subgrupos aparecem.

Acrobacias: Ela primeiro falou das acrobacias, sua especialidade. Essas desenvolvem os movimentos do corpo, sem aparelhos, e no seu entender “tudo envolve um risco”. As acrobacias podem ser movimento suspenso ou no solo: parada de mão, parada de cabeça, saltos; lira é denominação genérica para movimentos com argola, helicoidal ou usando instrumento suspenso com outra forma.

Trapézio: O trapézio pode ser de três modos: **fixo**, quando o trapézio fica parado e o artista é que se movimenta; **de balanço**, quando o trapézio se move de um lado para outro e o artista sempre volta para ele; e **de voos**, quando há troca de trapézio, com ou sem rede e normalmente é feito por dois ou três trapezistas.

Manipulação de objetos: Em geral a manipulação de objetos é chamada de “malabares”. Esses podem ser claves, espécie similar a pinos de boliche, argolas, bolinhas, varetas e tochas de fogo e outros objetos. O prato chinês, onde o artista equilibra pratos sobre a ponta de uma vara; o diabolô que é feito de duas metades de uma bola com um furo no meio por onde passa um fio e cujas extremidades o artista puxa e estica de modo a fazer com que as peças se movimentem pelo fio; contato, que é a manipulação de uma bola que corre pelos braços, ombros ou cabeça do artista.

Tecidos: São longas peças de tecido resistente que são fixados bem acima do chão. O “marinho” é preso pelas duas pontas e o “liso” é preso numa ponta apenas e o artista nelas se pendura para realizar acrobacias aéreas.

A faixa aérea é também de tecido, geralmente são duas faixas e comumente o artista enrola uma em cada braço e faz movimentos semelhantes aos realizados em argolas, suspenso no ar.

Rodas: É uma modalidade que utiliza como instrumento grandes rodas metálicas que permitem ao artista se equilibrar e movimentá-las fazendo acrobacias no seu interior ou na superfície externa. Há dois tipos de rodas: a roda dupla, alemã, constituída de duas rodas ligadas por uma haste e a roda cyr que é uma apenas. Os movimentos do artista andando para a frente ou para trás fazem o instrumento girar ao mesmo tempo em que ele se equilibra sobre as rodas ou dentro delas.

Equilíbrio: Nesta categoria se incluem o rola-rola que é uma tábua solta equilibrada sobre um cilindro; a corda bamba que é suspensa e serve de ponte para o equilibrista; a perna de pau; o monociclo; a bengala que é uma vara normalmente de metal com tabuinhas de apoio para as mãos ou os pés do artista.

Contorcionismo: Neste grupo estão os artistas que fazem demonstrações extremas de flexibilidade, o *acrobalance* que é a performance de dois acrobatas se equilibrando em conjunto um apoiando o outro e as pirâmides que envolvem vários artistas em equilíbrio sobre os ombros uns dos outros de modo a formar andares ou níveis.

Ela descreveu também as *canastilhas* que são um tipo de gangorra grande onde dois artistas lançam um terceiro usando o impulso da gangorra.

Em seguida falaremos do personagem palhaço considerado pelos dois entrevistados nossa pesquisa, Almeida e Philippi, como a figura mais popular e símbolo do circo.

2.4 O PALHAÇO

Sempre que se fala em circo surge a figura do palhaço.

O termo Palhaço vem do italiano “paglia” e tem raiz no colchão de palha pois a tradição é de que o cômico usa uma roupa folgada feita do mesmo tecido dos colchões de palha. Phillip Astley, segundo seus historiadores já citados, em 1782

costumava colocar recrutas simulando apuros sobre seus cavalos de modo a animar a audiência e criando aí a figura popular do Palhaço.

Thebas relata que a roupa acolchoada com palha servia para proteger o cômico dos tombos. Ele diz que os bufões sempre existiram e eram motivo de riso e zombaria pelo seu aspecto anormal como anões, aleijados, corcundas ou loucos. (THEBAS, 2005).

Há dois tipos dessa figura cômica. O chamado “clown” é termo da língua inglesa e significa “camponês”. Os recrutas que se apresentavam no circo de Astley eram camponeses cuja movimentação excêntrica provocava os risos dos espectadores. Posteriormente um cômico criou um tipo tão fascinante que seu nome, Tony, passou a denominar a classe dos palhaços.

A principal função desse artista era distrair a plateia entre os números circenses e acabou por se tornar a figura mais popular do circo.

No Brasil tivemos vários representantes famosos desse trabalho. O mais aclamado tem sido Piolin que nasceu em 1897 e morreu em 1973. Seu nome real era Abelardo Pinto e a data de seu aniversário, 27 de março, é comemorada em nosso país como o Dia do Circo e o dia 10 de dezembro como o Dia do Palhaço.

Outros nomes que se destacaram foram Arrelia, Torresmo e Carequinha. Este último tinha nas décadas de 60 e 70 um repertório de músicas gravadas para crianças como por exemplo, *O Bom Menino*, de autoria do próprio Carequinha, que dizia em seus versos:

O bom menino não faz xixi na cama,
o bom menino não faz malcriação,
o bom menino vai sempre à escola
e na escola aprende sempre a lição.
O bom menino respeita os mais velhos,
o bom menino não bate na irmãzinha.
Papai do Céu protege o bom menino
que obedece sempre sempre a mamãezinha.

A popularidade do palhaço é explicada por Katia Kasper em *Experimentações Clownescas* (2004) na seguinte forma:

Temos medo de perder, de fracassar, de mostrar nossa fragilidade, de que as coisas escapem de nosso controle, deerm errado. Tememos parecer idiotas perante os outros, ser objeto do riso alheio. Tememos parecer pouco inteligentes, pouco hábeis. Todas as coisas de que morremos de medo de

que os outros pensem a respeito de nós constituem o lugar onde o palhaço constrói.

A professora Sabrina de Almeida acrescentou em sua entrevista que a origem do palhaço é associada também ao bobo das cortes europeias, personagem que geralmente era uma figura grotesca fisicamente e tinha como função distrair o Rei e a corte.

O livro *O circo e a cidade. História do grande circo Queirolo em Curitiba*, de Luiz Andrioli, editado em 2007, relata a experiência dessa família que durante algumas décadas foi símbolo da vida circense no estado do Paraná. O assunto será abordado no próximo capítulo.

Outros palhaços fizeram parte da *troupe* Queirolo: Chicharrão, que era J. Carlos Queirolo e Pif Paf representado por Lafayette Queirolo.

À época da publicação desse livro, 2007, os remanescentes da família costumavam se apresentar em eventos públicos e particulares, individualmente ou em grupos de palhaços.

O foco de nossa pesquisa é o cenário local paranaense onde o circo apresenta as mesmas características históricas e sofre limitações semelhantes às de outros grupos já abordados. É o que relataremos a seguir.

2.5 ARTISTAS CIRCENSES NO PARANÁ

O Paraná tem sua própria história do circo. Ela é contada por Rosana Stéinke e Miguel Fernando Perez Silva no livro *Lonas e Memórias A História esquecida do circo paranaense* publicado em 2015. Os autores partem de uma retrospectiva do circo no Brasil como trajetória dos ciganos, ilustram com recortes das décadas de 1940 a 1970, quando surgiu o chamado circo contemporâneo.

Stéinke e Perez relatam a experiência da família Queirolo que durante três gerações encantou a população paranaense com o Circo dos Irmãos Queirolo. Essa família inaugurou o Pavilhão Carlos Gomes onde se apresentou por dois anos com espetáculos que incluíam o palhaço Chic Chic, símbolo dos Queirolo, personagem de Otelo Queirolo.

Na mesma peça literária há referência às ilustrações gregas encontradas na ilha de Cnossos em Creta, onde aparecem acrobacias sobre um touro. Tais

ilustrações foram popularizadas pela obra *A História da arte* de E.H.Gombrich, editada em 1981.

Outra obra conta a história do Circo dos Irmãos Queirolo, autoria de Luiz Andrioli: *O circo e a cidade. História do grande circo Queirolo*. O trabalho desse grupo, especialista em palhaçaria, é abordado no Capítulo O Palhaço.

O livro *O circo e a cidade. História do grande circo Queirolo em Curitiba*, de Luiz Andrioli, editado em 2007, relata a experiência dessa família que durante algumas décadas foi símbolo da vida circense no estado do Paraná.

Andrioli cita nesse livro o trabalho da dupla Harris e Chic Chic, que eram Julian e Otelo Queirolo, na década de 1940. O Circo da família Queirolo surgiu em 1917 e se apresentou regularmente em todo o Paraná até o final do Século XX. Eles foram precursores na televisão local pois se apresentaram a partir de 1968 no programa do Capitão Furacão no Canal 12, então TV Paranaense. Andrioli esclarece que o personagem Capitão Furacão dirigia-se aos espectadores infantis dando conselhos e fazendo recomendações sobre comportamento.

Outros palhaços fizeram parte da *troupe* Queirolo: Chicharrão, que era J. Carlos Queirolo e Pif Paf representado por Lafayete Queirolo.

À época da referida publicação os remanescentes da família ainda costumavam se apresentar em eventos públicos e particulares, individualmente ou em grupos de palhaços.

A fim de obter mais informações sobre as atividades circenses em Curitiba e no Paraná fizemos uma entrevista com Silvestre Fernando Philippi Neto em 17 de fevereiro de 2016. Ele se formou em Gestão da Informação e ao final do curso aprendeu com um amigo a jogar bolinhas no ar. Interessou-se pelo trabalho em circo e começou aulas com o artista Adrian que conheceu quando este veio divulgar a Escola de Circo.

Philippi começou com malabarismo: manipulação de objetos com bolinhas e claves, depois o diabolô, monociclo, perna de pau, bola de equilíbrio, trapézio e tecido acrobático. Recebeu orientação na Escola de Circo paralelamente aos exercícios pessoais. Ele admite sua verve de palhaço e a paixão pela companhia circense. Contou que deu aulas gratuitamente no intuito de crescer com o grupo Trip Circo. Ele faz parte da cena circense em Curitiba e até mantém Carteira de Trabalho como malabarista e palhaço.

Sua experiência como artista circense é vasta e inclui participação na Trupe da Saúde que visitava hospitais amparada pelos benefícios da Lei Rouanet o que lhe garantia a sobrevivência material. Segundo nos informou, foi responsável por montagem de cena, criação de esquete e aulas para palhaços para apresentações na rua e em teatros mas confessou ter se apresentado em circo uma única vez.

Após sair do Trip Circo formou com outros cinco artistas a Cia. Dos Palhaços, onde permaneceu por quase dois anos. Esta tem sede em Curitiba e atuação constante em eventos particulares e públicos pelo país.

Em busca de aprendizado Philippi foi para Montreal no Canadá fazer uma especialização de dois meses. Aprendeu muita técnica de montagem, fez espetáculos de teatro, participou do Festival de Teatro de Curitiba com as peças Macamundi e Clarabóia.

Um diagnóstico de mielite o mantém afastado do circo há uns três anos. Ele prefere dedicar-se hoje ao teatro cômico na figura do palhaço. Ele entende a distinção entre palhaço e clown como questão filosófica. Para ele palhaço é personagem do circo e clown do teatro.

Philippi falou da interação necessária entre o palhaço e o público que ele considera um jogo, um fluxo de que o palhaço precisa para desenvolver seu trabalho.

Ao final da entrevista ele citou vários artistas locais e sítios na Internet que poderiam impulsionar nossa pesquisa. Entre as pessoas citadas Sabrina Almeida que nos forneceu elementos sobre a nomenclatura circense já abordada.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha do tema deste trabalho aconteceu quando travamos contato com um grupo de artistas de circo oriundos de várias partes do Brasil durante um Fórum de Artes patrocinado pelo Ministério da Cultura no final de 2015, no Rio de Janeiro.

A ideia inicial era abordar o trabalho dos artistas de circo nos espaços públicos urbanos como semáforos e calçadas por meio de entrevistas. Logo o projeto se mostrou inviável porque o prazo que tínhamos para desenvolver o trabalho coincidiu com as férias de verão. Os artistas que pretendíamos entrevistar viajaram para locais turísticos mais rentáveis pois eles sobrevivem com o dinheiro arrecadado nas apresentações. Passamos então a estudar a literatura do Circo.

Esta fase da pesquisa foi muito produtiva pois conseguimos várias referências através dos contatos que tínhamos granjeado no Fórum de Artes. Esses artistas nos indicaram livros, escritores, jornalistas, pesquisadores e outros profissionais com quem pudemos trocar ideias e informações através de redes sociais e endereços eletrônicos.

A longa e rica trajetória dos saltimbancos da Antiguidade até os sofisticados espetáculos do Circo contemporâneo reformulou nosso projeto. Eram tantas as informações históricas que tivemos muita dificuldade em resumir os dados para o espaço físico disponível. A versão final reduziu-se ao mínimo para contar o que é o circo em Curitiba e no Paraná.

Nossa conclusão é de que este modesto trabalho constitui pálida noção do Circo atual. Esperamos, porém, seja motivação para que outros estudantes embarquem numa aventura de fantasia multicolorida que talvez só o mundo do Circo possa proporcionar.

4 REFERÊNCIAS

ANDRIOLI, Luiz. *O circo e a cidade. História do grande circo Queirolo em Curitiba*. 2007. Coleção A capital, Curitiba.

ANTOLIN, Garcia. *O Circo*. 1976. Ed. Dag, São Paulo.

GOMBRICH, E. *A história da arte*. Ed.Zahar, ...

ORFEI, Alberto. *O circo viverá*. 1996. Ed.Mercuryo, São Paulo.

STEINKE, Rosana. SILVA, Miguel Fernando Perez. *A história esquecida do circo paranaense*. 2015. Sinergia Editorial, Maringá.

THEBAS, Claudio. *O livro do palhaço*. 2005. Cia. Das letrinhas, São Paulo.

Artigo *A história do circo*. Disponível em:
<http://historiadomundo.uol.com.br/curiosidades/historia-do-circo.htm> Acesso em 05.02.2016.

BORGES, Michele. *História do circo*. 2009. Disponível em :
<http://www.infoescola.com/artes-cenicas/historia-do-circo/> Acesso em 15.01.2016.

CAREQUINHA. *O bom menino*. Letras. Disponível em:
<https://www.letras.mus.br/carequinha/379156/> Acesso em 18.04.2016.

CASTRO, Alice Viveiros de Castro. *O Elogio da Bobagem, o Circo conta sua história*. 2005. PDF. Disponível em:
<http://www.circonteudo.com.br/stories/documentos/article/3487/ELOGIO%20DA%20BOBAGEM.pdf>

KASPER, Katia Maria. *Experimentações clownescas: os palhaços e a criação de possibilidades de vida*. 2004. Tese de doutorado, PDF. Disponível em:
<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000317295>
Acesso em 05.02.2016.

PIMENTEL, Renata. *Artistas de circo: de saltimbancos a uma vida de luxo*. 2014. Disponível em: <http://tribunadoceara.uol.com.br/diversao/entrevista/conheca-historia-de-que-vive-para-o-circo-e-pelo-circo>
Acesso em 15.01.2016.

TAMAOKI, Veronica (orientação do artigo). *Como o circo surgiu*. Artigo disponível em: <http://www.dgabc.com.br/Noticia/517766/como-o-circo-surgiu> Acesso em 15.02.2016.